

## Capítulo I

### NÃO, PRECETORA É QUE NÃO!

— Sabes? Já estamos a 5 de Maio — lembrou João com voz triste. — Todos os nossos companheiros voltarão hoje para a escola.

«Que pena, que pena!», fez a *Didi*, a catatua, num tom tão triste como o de João.

— Este maldito sarampo! — disse Maria da Luz. — Primeiro foi Filipe quem o teve logo que veio de férias, depois Dina; ele pegou-mo e depois tiveste-o tu!

— Bem, agora já ultrapassámos a quarentena — acrescentou Dina do seu canto do quarto. — É absolutamente estúpido da parte do médico dizer que devemos mudar de ares antes de voltar para a escola. Não será mudança suficiente voltar para a escola? Eu gosto tanto do terceiro período!

— Sim, e eu aposto que seria dos primeiros onze — comentou Filipe, sacudindo a madeixa de cabelo que lhe caíra para a testa. — Com a breca, como gostaria de cortar novamente o cabelo! Com ele tão comprido sinto-me uma rapariga.

Os quatro pequenos tinham sido vítimas de um forte ataque de sarampo durante as férias.

Especialmente João tinha passado um tempo muito desagradável e os olhos de Dina tinham-lhe dado muitas preocupações. Aliás por culpa dela porque, proibida de ler, desobedeceu ao médico. Agora, os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas a qualquer esforço mais violento.

«Evidentemente que Dina não poderia ainda fazer os trabalhos escolares», havia dito o médico com severidade. «Suponho que ela sabia tão bem como eu o que lhe aconteceria quando me desobedeceu. Dê graças a Deus se não tiver de usar óculos mais tarde.»

— Oxalá a mãe não tencione mandar-nos para algum pensionato à beira-mar — disse Dina — Ela não poderá vir conosco porque terá coisas importantes a fazer para o Verão. Conto que não pense arranjar-nos uma precetora, ou qualquer coisa do género, para nos acompanhar lá fora.

— Uma precetora? — interveio Filipe com ar trocista. — Eu simplesmente não ia. De qualquer modo, ela não quereria ir, agora que estou a treinar ratinhos.

Sua irmã, Dina, olhou, enjoada, para ele. Filipe tinha sempre qualquer bicho junto de si porque gostava imenso de animais.

Ele fazia deles o que queria e Maria da Luz, no íntimo, estava convencida de que se ele encontrasse um tigre na selva bastar-lhe-ia estender a mão para que a fera lha lambesse como um cão e ronronasse contente como um gato.

— Já te disse, Filipe, que gritarei se chego a ver um dos teus ratinhos — volveu Dina.

— Está bem, grita então! — rematou Filipe obsequiosamente. «Eh, *Bigodes*, onde estás?»

O *Bigodes* apareceu no pescoço por cima do colarinho de Filipe e chiou com força. Dina gritou.

— És estúpido, Filipe. Quantos desses bichos tens escondidos no pescoço? Se eu tivesse um gato dava-lhos todos.

— Bem, mas não o tens — respondeu Filipe e empurrou outra vez a cabeça do *Bigodes* para dentro do colarinho.

«Três ratos cegos», ironizou a *Didi*, a catatua, com grande interesse, pondo a cabeça de lado e espreitando para ver se o *Bigodes* aparecia novamente.

«Estás enganada, *Didi*, minha amiga», voltou João, passando-lhe a mão por cima e puxando as penas da cauda. «Muito longe de serem três ratos cegos, é um rato de olhos bem abertos. Olha, *Didi*, por que não apanhaste também o sarampo?»

A *Didi* estava perfeitamente apta a ter uma conversa com João. Soltou uma grande gargalhada e baixou a cabeça para que lha coçasse.

«Quantas vezes já te disse que fechasses a porta?», gritou. «Quantas vezes te disse que limpasses os pés? Limpa a porta, fecha os pés, limpa a...»

«Ah! Tu estás a ficar muito confusa!» disse João, e os outros riram-se. Era sempre muito cómico quando a *Didi* misturava as coisas que queria dizer. O animal gostava de fazer as pessoas rir. Levantou a cabeça, eriçou a poupa e fez um barulho igual ao de uma ceifeira mecânica a trabalhar.

Mas a *Didi*, contente com aquele barulho, voou para o alto das cortinas e continuou a fazer o ruído de uma ceifeira que precisasse de ser lubrificada.

A Sr.<sup>a</sup> Mannering abriu a porta e espreitou.

— Meninos, não deixem a *Didi* fazer este barulho. Estou a falar com uma pessoa e isto é muito aborrecido.

— Com quem está a falar? — perguntou Filipe imediatamente. — Mãe! Decerto não vai arranjar-nos uma precetora ou coisa que o valha para nos levar para fora, pois não? Ela está cá?

— Sim, está — respondeu a Sr.<sup>a</sup> Mannering. As crianças resmungaram. — Bem, queridos, vocês bem sabem que eu

não posso acompanhá-los. — Depois continuou: — Aceitei este novo emprego, mas se soubesse que o vosso sarampo seria tão demorado e ficavam depois tão esmagriçadotes...

— Nós não estamos esmagriçadotes — objetou Filipe, indignado. — Que palavra horrível!

«Esmagriçadotes, *Bigodes*», replicou a *Didi* e desatou às gargalhadas. Ela adorava juntar palavras com sons semelhantes. «Esmagriçadotes, *Bigodes*».

«Cala-te *Didi*», repontou João, e atirou-lhe uma almofada. — Tia Lia, nós podemos muito bem ir para fora sozinhos, temos idade suficiente para isso.

— João, logo que vocês saem da minha vista, nas férias, metem-se imediatamente nas mais arrepiantes aventuras —olveu a Sr.<sup>a</sup> Mannering. — Não poderei esquecer o que se passou nas férias do Verão passado: partirem num aeroplano que não era o próprio e ficarem perdidos eternidades num vale.

— Oh, isso foi uma aventura maravilhosa — afirmou Filipe. — Quem me dera outra. Estou farto de estar tanto tempo com sarampo. Deixe-nos ir embora sozinhos, mãe, seja boazinha!

— Não — protestou a mãe. — Vocês vão para uma praia civilizada com uma precetora de confiança, para umas férias seguras.

«Seguras, seguras, seguras!», pairou a *Didi*. «Seguro e de confiança, seguro e de confiança.»

«Vira o disco, *Didi*» disse João. A Sr.<sup>a</sup> Mannering tapou os ouvidos.

— Este pássaro! Por vezes julgo que estou fatigada de vós, mas, francamente, a *Didi* dá-me cabo dos nervos. Ficarei muito contente quando se for embora com vocês.

— Eu aposto que nenhuma precetora gostará da *Didi* — declarou João. — Tia Lia, falou-lhe da *Didi*?

— Ainda não — respondeu a Sr.<sup>a</sup> Mannering. — Mas suponho que será melhor trazê-la e apresentá-la a todos incluindo a *Didi*.

A Sr.<sup>a</sup> Mannering saiu. As crianças olharam umas para as outras, franzindo a testa.

— Eu já calculava que isto iria acontecer. Em vez de nos divertirmos na escola, vamos aborrecer-nos com uma pessoa que não suportamos — comentou tristemente Dina. — Filipe, não poderás pregar-lhe algumas partidas com esses tais ratos quando ela vier? Se ela soubesse que és daqueles que gostam de trazer ratazanas e ratos, escaravelhos e ouriços nos bolsos e no pescoço, provavelmente fugiria para cem léguas daqui.

— Ótima ideia, Dina — aplaudiram todos ao mesmo tempo, e Filipe curvou-se numa vénia. — Não tens muitas vezes esses rasgos de sensatez — declarou ele —, mas agora tiveste uma boa ideia. «Eh *Bigodes* sai cá para fora! *Focinhudo*, onde estás? Sai da minha algibeira!»

Dina afastou-se para o canto mais retirado do quarto, observando os ratinhos com repugnância.

«Quantos teria o Filipe?» Resolveu não se aproximar dele, se pudesse evitá-lo.

— Julgo que a *Didi* poderá ajudar também — disse João entre dentes. «*Didi*, puf, puf, puf»

Era a indicação para a catatua fazer a sua famosa imitação de uma máquina de comboio, soprando num túnel. Ela abriu o bico e, deliciada, escancarou a garganta. Não era muitas vezes que lhe pediam para fazer este horrível barulho. Maria da Luz tapou os ouvidos.

A porta abriu-se e a Sr.<sup>a</sup> Mannering entrou com uma mulher alta, de aspeto austero. Era óbvio que nunca poderia surgir qualquer aventura, nenhuma coisa fora do comum junto de *Miss Lawson*. «Perfeitamente segura», estava escrito em toda ela.